

OPINIÃO

O nosso problema é a produtividade

Igor Macedo de Lucena (*)

Muitos se perguntam: qual é o problema do Brasil? Por que há tanta demora em diminuirmos a pobreza no nosso país?

Por que os problemas sociais se acumulam ao longo do tempo? Por que o Brasil é eternamente o país do futuro? Por que será que esse futuro nunca chega? É complexo querer atribuir toda a culpa desses problemas ao governo de um ou de outro presidente. Não podemos também afirmar que tudo que ocorre no Brasil é por causa de um suposto "jeitinho nacional". Contudo, somos capazes de alinhar todos esses problemas a uma única causa, a nossa produtividade.

Mas o que define produtividade? Sob o ponto de vista econômico, a produtividade é a eficiência da produção de bens ou serviços expressa por alguma medida. As medições de produtividade são frequentemente expressas como uma razão de um valor agregado usado em um processo de produção; ou seja, output por unidade de input normalmente durante um período de tempo específico. O exemplo mais comum é a medida de produtividade do trabalho agregado, por exemplo, como se vê com o PIB por trabalhador.

A produtividade é um fator crucial no desempenho da produção de empresas e nações. O aumento da produtividade nacional pode elevar os padrões de vida porque quanto maior for a renda real, melhor será a capacidade das pessoas poderem comprar bens e pagar por serviços, desfrutar do lazer, melhorar a habitação e contribuir para programas sociais e ambientais. O crescimento da produtividade também torna as empresas mais lucrativas.

Quando analisamos nações desenvolvidas e nações parecidas com a nossa, é espantosa a diferença no quesito de produtividade. Do ano de 1980 até 2021, a produtividade da Coreia do Sul aumentou em 408%. A Estônia, uma antiga nação da União Soviética e hoje país-membro da União Europeia, aumentou em 248%. Cingapura teve um aumento de 199%; já os Estados Unidos, 115%.

Na América Latina, o Chile aumentou sua produtividade em 84%, e a Colômbia, apesar de todos os problemas gerados pelas guerrilhas, aumentou em 52%. Aqui no Brasil nossa produtividade aumentou

apenas 5%, o que é um dos principais fatores que explica nosso subdesenvolvimento. Isso significa que não investimos o suficiente em Educação, tampouco em ciência, muito menos em pesquisa e desenvolvimento. Ademais, apenas possuímos um arcabouço de leis que são contra a inovação.

Gostaria de dar um exemplo usando a Lei nº9956/2000, na qual seu único artigo reza que "Fica proibido o funcionamento de bombas de autosserviço (Self Service) operadas pelo próprio consumidor nos postos de abastecimento de combustíveis, isso válido para todo o território nacional". É importante frisar que isso é uma realidade em todos os países desenvolvidos, e que a figura do frentista hoje é uma profissão sem evolução e defasada.

Essa massa de trabalhadores poderia estar sendo aproveitada em outros setores, e os custos de manutenção dos postos de gasolina cairiam; ou seja, o posto teria uma maior produtividade e talvez os proprietários acabassem por investir em novos postos, 'puxando' toda uma cadeia produtiva. Aqueles que apoiam essa lei, com a visão de defesa do emprego dos frentistas, se mostram contra a produtividade e ao mesmo tempo também são capazes de defender o emprego de ascensoristas de elevador e datilógrafos, profissões que não fazem mais sentido e que praticamente desapareceram.

Neste contexto, aqui enunciam algumas reformas tão necessárias em nosso país, tanto a tributária quanto a da máquina pública e principalmente aquelas que possam eliminar leis e regulamentos que em nada contribuem na produtividade nacional, apenas tornando nosso país mais burocrático e sem eficiência alguma. No final, a sensação que nos passa é de que as pessoas servem ao Estado e não o contrário, tornando tudo bastante frustrante.

Sinceramente espero que possamos aproveitar este importante momento de mudanças para de fato considerarmos a baixa produtividade como sendo o maior problema de nossa nação para efetivamente encontrarmos, como sociedade civil e fiéis representantes, maneiras eficazes de avançar; caso contrário, o abismo entre essas nações e o Brasil ficará ainda maior ao longo do tempo.

(*) - É economista e empresário, Doutorando em Relações Internacionais na Universidade de Lisboa, membro da Chatham House - The Royal Institute of International Affairs e da Associação Portuguesa de Ciência Política.

Profissionais de tecnologia da informação e soft skills

Embora possa ser traduzida como "habilidades pessoais", a expressão "soft skills" é amplamente utilizada em nosso meio empresarial.

Vivaldo José Breternitz (*)

As soft skills são, em linhas gerais, as habilidades comportamentais que um indivíduo utiliza no exercício de suas atividades diárias; são relativas à forma com que esse indivíduo lida com as pessoas ao seu redor.

Embora as habilidades técnicas sejam vitais para as carreiras em tecnologia da informação, as soft skills são também extremamente importantes nessa área, onde profissionais precisam ser capazes de trabalhar em equipe, de comunicar ideias complexas em termos simples e de abordagens criativas para impedir as ameaças à segurança cibernética, por exemplo.

Tem sido muito comum encontrarmos profissionais com muitas habilidades técnicas em seus currículos, que conhecem várias linguagens de programação, metodologias e outras técnicas da área, mas também tem sido comum encontrarmos profissionais com sólida



formação técnica com soft skills não suficientes para que atuem de forma eficiente.

Soft skills determinam o quão bem os profissionais trabalham com outros e abordam problemas; boa parte dos processos de seleção de pessoal para a área testam os candidatos nesse sentido.

Felizmente, os profissionais podem desenvolver soft skills ao longo de suas carreiras; inicialmente procurando o autoconhecimento e depois buscando aperfeiçoar-se em aspectos como trabalho em equipe, comunicação, curiosidade, criatividade e iniciativa.

(*) É Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor do Programa de Mestrado Profissional em Computação Aplicada da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Criminalizar o cibercrime e aumentar o risco dos ciberataques

Nos últimos anos, os ciberataques se tornaram algo sobre o qual o público em geral está cada vez mais ciente. Entretanto, uma percepção ainda existe, certamente fora da indústria de TI, de que ciberataques são somente algo que acontece na internet. É difícil relacionar e comparar o impacto do cibercrime nas suas vítimas - quer seja uma pessoa que caiu num golpe online, ou uma companhia que foi forçada a pagar um resgate para restaurar seus sistemas. Por esta razão, nem sempre parece que o cibercrime é visto ou tratado como um crime real.

Porém, nós reconhecemos que o cibercrime é realmente um crime, mas, para alguns, isso pode ser difícil aceitar. A ideia de ficar totalmente indignado pelo fato de um hacker derrubar a operação de uma empresa multinacional poderia parecer forçada. Isso acontece possivelmente devido aos estereótipos que muitos criaram que taxam os cibercriminosos como simples nerds da ciência da computação entendidos. É importante considerar que a maioria dos ciberataques é trabalho de um crime bastante organizado e rico, que inclui operações altamente sofisticadas com o objetivo de roubar dinheiro da empresa que paga seu salário e do Governo que coleta seus impostos. Isso te soa como um crime?

Nós somos culpados por acusar a vítima?

O fato é que o cibercrime é um crime real e as empresas que caem nesse golpe são suas vítimas. Elas sofreram um crime cometido contra elas. Entretanto, o grau de solidariedade em relação às organizações que sofreram uma violação é muito diferente do que teríamos com um indivíduo. Se alguém lhe contar que foi atacado, que teve suas informações pessoais comprometidas e seu dinheiro roubado, sua reação natural provavelmente não será dizer que a culpa é dela. Em se tratando de ataques em ambientes corporativos, que são a origem de danos perenes para a imagem das empresas, nós tendemos a presumir que elas fizeram algo errado e agiram de maneira descuidada. Como alguém que trabalha na indústria de proteção de dados há mais de 32 anos, eu tenderia a concordar com isso. A vasta maioria dos incidentes cibernéticos são evitáveis e, muitas vezes são resultado da falha em seguir as melhores práticas, da falta de higiene digital, e/ou de um software desatualizado.



Dave Russell, VP, Enterprise Strategy, da Veeam

No entanto, existe algum outro tipo de crime que se concentre quase que exclusivamente em culpar a vítima e tão pouco em levar os criminosos à justiça? As empresas são vistas mais como culpadas do que como vítimas, e é aceito que os criminosos não podem ser punidos devido à falta de um sistema jurídico global acordado. Se um criminoso de outro país viaja para os EUA, por exemplo, e comete um crime contra uma empresa em território americano, há todo um processo diplomático para garantir que essa pessoa seja levada à justiça e a vítima seja indenizada. Isso simplesmente não é o caso quando se trata de ransomware.

A cooperação internacional e intercontinental é a única maneira de criar um ambiente no qual os riscos são maiores do que as recompensas para os ciberataques. Os casos de ransomware aceleraram durante a pandemia, aumentando o empenho dos líderes governamentais e empresariais para romper o impasse geopolítico que permitiu que os cibercriminosos se rebelassem. Mas isso não será fácil, e uma solução holística viável ainda está longe de acontecer.

Aprenda auto-defesa

Na ausência de um sistema de justiça que nos proteja completamente dos bandidos, o instinto

de sobrevivência básico exige que aprendamos a nos defender. No contexto da cibersegurança, isso significa focar em alguns fundamentos. Em primeiro lugar, toda empresa precisa de um líder de segurança de TI dedicado. Para empresas menores, é absolutamente necessário ter um recurso focado em segurança cibernética e especializado em proteção de dados. Em segundo lugar, as empresas precisam de uma higiene digital impecável, o que inclui treinamento obrigatório para todos os funcionários para que eles entendam a quem denunciar e por que isso é importante. Quanto mais as pessoas concordam com a necessidade de uma boa higiene digital, mais alertas e dispostos elas ficarão para evitar ataques.

E, finalmente, nunca pague o resgate. As organizações que pagam resgates alimentam a percepção de que o pagamento é algo fácil. Assim que as empresas pararem de pagar resgates, veremos uma redução na popularidade do ransomware como técnica de extorsão. Embora as empresas que sofrem ataques cibernéticos sejam de fato vítimas, elas são responsáveis por proteger todos os dados que usam, processam e armazenam. Pagar cibercriminosos para colocar os sistemas online novamente é uma estratégia de defesa insustentável. À medida que os Governos se tornam mais ativos na tentativa de evitar a disseminação de ransomware, podemos ver empresas que o fazem investigadas e repreendidas por reguladores independentes.

Claramente, lidar com a implacável e crescente atividade cibercriminosa contra companhias e indivíduos será um esforço internacional tanto no setor público, quanto no privado. Embora seja importante que o crime cibernético seja devidamente "criminalizado" e que os criminosos sejam levados à justiça, as empresas devem compreender a responsabilidade que têm para com seus clientes e funcionários para proteger todos os dados em sua jurisdição. Isso só pode ser feito com a implementação de uma estratégia de proteção de dados moderna que combine defesas eficazes de segurança cibernética de linha de frente com uma abordagem abrangente para backup de dados e recuperação de desastres.

(Fonte: Dave Russell é VP, Enterprise Strategy, da Veeam).

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Plataforma para especialistas compartilharem conhecimento e experiências

@Aprender diretamente com profissionais bem sucedidos é a chave para o sucesso no mercado de trabalho. De acordo com o modelo da Pirâmide de Aprendizagem desenvolvido pelo National Training Laboratory Research Institute em Maine, nos Estados Unidos, o cérebro humano é capaz de reter o conhecimento nas seguintes escalas: 10% do que leu; 20% do que ouviu; 30% do que viu; 50% do que viu e ouviu; 70% do que disse em uma conversa/debate; e 90% do que vivenciou a partir de sua prática. "Diferente da escola, das faculdades ou da maioria dos cursos disponíveis, no 21xp você escolhe com quem vai falar, potencializando significativamente a qualidade da conversa, o poder de escolha do expert e o assunto a ser discutido está na mão do usuário." comenta Gabriel Ayusso, Cofundador e Diretor de Tecnologia do 21xp (https://21xp.app/experts/).

Office Total lança o conceito de Tecnologia por Assinatura

@A Office Total, empresa provedora de soluções em tecnologia prevê fechar o último trimestre de 2021 com previsão anual de 200 milhões de reais. A empresa acaba de inaugurar uma nova sede localizada no Brooklin, em São Paulo e comemora 26 anos de atuação no mercado nacional. A empresa também lança um novo conceito "Tecnologia por Assinatura", que representa de forma clara e objetiva o DNA da companhia: prover tecnologia de forma simples, prática e sem burocracia para clientes de todo o país. "Celebramos 26 anos de história vivenciando marcos importantes na companhia que vão impulsionar nosso futuro. Somos líderes de mercado e temos uma visão vanguardista para o futuro. Sabemos que para prover tecnologia é preciso inovar e se reinventar o tempo todo. O novo conceito "Tecnologia por Assinatura" comunica com clareza e objetividade nosso propósito e nossa razão de existir", explica Cristiano Herbert, CEO da Office Total.